

DOI: 10.20911/21799024v15n2p44/2024

O dualismo como causa do niilismo em uma experiência gnóstica, segundo Hans Jonas

**Dualism as the cause of nihilism in a gnostic experience,
according to Hans Jonas**

Ana Letícia Martins de Souza¹

Resumo: O niilismo característico da contemporaneidade é compreendido pelo filósofo Hans Jonas como um problema ontológico e, sucessivamente, ético, decorrente do dualismo. Nosso trabalho partirá do excerto do autor *Gnosticismo, niilismo e existencialismo*, bem como de sua leitura do fenômeno histórico do gnosticismo segundo um princípio gnóstico para compreender em que sentido o niilismo seria uma expressão gnóstica, na contemporaneidade. O dualismo resulta identificado pelo autor a partir de um acosmismo, um anticosmismo e um antinomismo caracterizadores da relação desmundanizada do homem e, consequentemente, de domínio recíproco com a natureza.

Palavras-chave: Niilismo; Gnosticismo; Dualismo; Desmundanização.

Abstract: The nihilism characteristic of contemporary times is understood by the philosopher Hans Jonas as an ontological and, successively, ethical problem, arising from dualism. Our work will start from the author's excerpt *Gnosticism, nihilism and existentialism*, as well as his reading of the historical phenomenon of Gnosticism according to a Gnostic principle to understand in what sense nihilism would be a Gnostic expression, in contemporary times. Dualism is identified by the author from an acosmism, an anticosmism and an antinomianism that

1 Mestranda em Filosofia pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. E-mail: mrtanadesouza@hotmail.com.

characterize man's deworldly relationship and, consequently, reciprocal domination with nature.

Keywords: Nihilism; Gnosticism; Dualism; Deworldly.

Introdução

O filósofo alemão, de origem judia, Hans Jonas (1903-1993) tornou-se conhecido e reconhecido nos meios filosófico-acadêmicos em razão de suas investigações sobre o gnosticismo ao longo de aproximadamente 30 anos. Aluno do filósofo alemão Martin Heidegger nas universidades alemãs de Friburgo e de Marburgo, sob sua orientação desenvolveu, em 1928, sua tese doutoral sobre o conceito de gnose e publicou o resultado de suas investigações sobre o gnosticismo em 02 obras complementares: *A gnose e o espírito da Antiguidade tardia. Primeira parte: a gnose mitológica*, em 1934, e *A religião gnóstica: a mensagem do Deus estranho e os primórdios do cristianismo*, em 1958, quando já vivia nos Estados Unidos da América.

Jelson Oliveira (2014, p. 19-55) ressalta o elemento do dualismo, em várias modalidades (homem-mundo, homem-Deus, mundo-Deus, corpo-espírito, imanência-transcendência etc.), detectado por Hans Jonas como marca fundamental transversal da cultura Ocidental, um elemento motivador dos trabalhos seguintes do filósofo alemão.

Hans Jonas desenvolveu uma ontologia da vida, tomada, esta, na unidade compreendida pelo autor mediante análises fenomenológicas e a partir das descobertas da Ciência da Biologia. Essa nova ontologia deveria servir, em um movimento metodológico de retorno teórico, de fundamento filosófico à atividade científica, possibilitando, por esta via, uma bioética.

O niilismo característico da contemporaneidade é compreendido por Jonas como um problema ontológico e, sucessivamente, ético, decorrente do dualismo. Ao reconhecer o caráter hegemonicamente científico da racionalidade moderna, Jonas teria buscado superar o dualismo por meio de uma resposta monista encontrada no mundo e, através da ontologia, fundamentar eticamente a ação humana (OLIVEIRA, 2014, p. 9-14). Uma ética da responsabilidade como um imperativo moral da existência humana foi o objeto de sua obra magna *O princípio da responsabilidade*, de 1979.

Nosso trabalho partirá do excerto do autor *Gnosticismo, niilismo e existencialismo*, escrito em 1952 e introduzido, em 1962, como epílogo à obra *A religião gnóstica*. Após revisto, integrou-se como capítulo à obra *O princípio da vida*, de 1966.

Reconhecido primeiramente como um fenômeno da modernidade, a identificação do niilismo no gnosticismo antigo, pretendida por Jonas, já causaria

grande perplexidade diante de um possível anacronismo. Compreender em que sentido o niilismo contemporâneo poderia ser expressão gnóstica da contemporaneidade, notadamente, na visão do autor, na forma do existencialismo, resultado de um dualismo a caracterizar a relação entre o homem e o mundo, é o nosso objetivo.

Para isso, teceremos breves considerações sobre o niilismo; explicitaremos o que o autor define como gnosticismo, segundo metodologia por ele adotada e apresentaremos as 05 dimensões nas quais o fenômeno antigo se objetivou. Em seguida, buscaremos evidenciar o problema do dualismo como pano de fundo da experiência gnóstica caracterizada por uma relação problemática do homem com o mundo a originar o niilismo, em todas as suas expressões, inclusive ética. Finalmente, tentaremos delinear as implicações éticas e morais envolvidas na experiência gnóstica, antiga e ainda presente na contemporaneidade, segundo o autor, a determinar a relação do homem com a natureza.

Neste sentido, poderíamos indagar: haveria um certo “espírito gnóstico”, terminologia cara a Han Jonas, presente em nossos dias? Qual a relação ele guardaria com o niilismo contemporâneo? Não pretendemos, portanto, realizar uma análise crítica da leitura existencialista da filosofia de Heidegger realizada por Han Jonas², tratando-se de tema além dos nossos objetivos. Nem tampouco realizar uma crítica sobre a leitura que Hans Jonas tece sobre o gnosticismo e, portanto, tecer considerações quanto à valoração do autor à presença deste “espírito” na contemporaneidade, na figura de uma filosofia existencialista. Buscamos apenas compreender o pensamento de Hans Jonas sobre o niilismo contemporâneo em sede de suas investigações sobre o gnosticismo, sua causa fundamental – dualismo, e implicações éticas na contemporaneidade.

1. Breves considerações sobre o Niilismo

O fenômeno do niilismo é reconhecido por Lima Vaz (1995, p. 78) como consequência do advento do sujeito e da razão modernas, caracterizados pela fragmentação da razão humana em uma pluralidade de racionalidades particulares construídas segundo o objeto determinado pelo próprio sujeito. Segundo Lima Vaz (1995, p. 69), entendendo a Ética como explicitação do *ethos* histórico e suas razões e, por isso, coextensiva à cultura, tais racionalidades não convergentes, com caráter exaurientemente científico, segundo método lógico-matemático e com pretensão universal quanto ao estatuto da verdade a partir do primado da lógica (VAZ, 1995, p. 70), conduzem também a uma pluralidade de teorias éticas com universalidade pretendida autofundada (VAZ, 1995, p. 71-74). Neste sentido, o niilismo resultaria da perda de sentido norteador da ação humana pela ocultação, por tais racionalidades, do polo metafísico da Razão universal (VAZ, 1995, p. 78).

² A leitura existencialista da filosofia de Heidegger é uma, das várias possibilidades de leitura que o filósofo da Floresta Negra abre com sua obra. Compreendê-la como Filosofia do Ser é outra abordagem possível e mais abrangente do que a redução ao aspecto específico, fortemente antropocêntrico, da existência humana autêntica ou inautêntica, enquanto *Dasein*, no mundo.

Tomado também positivamente, como abertura a novos caminhos de verdade de forma não violenta, dominadora ou excludente (VATTIMO, 2016, p. 22-26), a faceta negativa do niilismo se expressaria na contemporaneidade como um grande mal, um “desencanto e estilhaçamento da nossa imagem do mundo, e sobre o plano filosófico provocou a disseminação do relativismo e do ceticismo em relação às visões de mundo e aos valores últimos” (VOLPI, 2012, p. 833).

Na esteira de Vaz, Oliveira (2013, p. 46-58) apresenta o niilismo como o grande enigma da Modernidade, em razão do paradoxo diante da era presente marcada pela noção de verdade segundo uma racionalidade técnico-científica e a ausência de lugar para a subjetividade, dimensão humana fundamental, na perda de sentido de ser ou existencial – niilismo metafísico, e na ausência de orientação das ações humanas – niilismo ético.

Para Jonas (2004, p. 251-252), o niilismo moderno é mais brutal do que aquele identificado no gnosticismo histórico, porque o mundo moderno já não é sequer lugar de todo mau a ser superado, como se entendia passadamente. Trata-se, na visão do autor, de uma indiferença em relação à totalidade que se expressa em uma ciência moderna abstrata e neutra dominadora da natureza e que, paradoxalmente, é também indiferença em relação ao próprio homem, abandonado à necessária contingência de sua existência.

2. O Gnosticismo

Etimologicamente, gnosticismo se origina do termo grego *gnosis* (γνῶσις), traduzido como conhecimento.

Kurt Rudolph (2008 *apud* VASCONCELOS, 2018, p. 263) identifica 5 fases no desenvolvimento, desde o século XIX, das investigações sobre a gnose e formas de gnosticismo, sendo, Hans Jonas, responsável pela 4ª fase, caracterizada pela originalidade de inserir o tema como objeto de investigação da Filosofia. Até então, tratava-se de estudos historiográficos e filológicos com maior interesse e desenvolvimento no campo da História e da Teologia. A gnose e movimentos gnósticos ora foram considerados no contexto dos movimentos históricos de desenvolvimento do Cristianismo, de fixação de seus dogmas em seus primeiros séculos, e harmônicos à filosofia cristã, ora foram considerados movimentos heréticos de origem não cristã, além de também apontados como oriundos da cultura iraniana e babilônica.

Hans Jonas (2001, p. 32-33) define o gnosticismo de modo amplo, referindo-se não apenas às várias seitas dos primeiros séculos do Cristianismo, mas a escolas de pensamento, religiões, cultos, escritos, mitos e especulações com características comuns. A característica central seria o conhecimento como elemento salvífico do ser humano diante do cosmos.

Jonas (2001, p. 320-321) identificou um princípio gnóstico como elemento unificador da multiplicidade dos fenômenos históricos estudados, cujo conteúdo consistia em uma experiência humana concreta explicitada mediante a aplicação metodológica das categorias da analítica existencial heideggeriana.

Segundo Oliveira (OLIVEIRA, 2020, p. 666-667), mediante uma hermenêutica sobre a mitologia gnóstica, em um processo metodológico de desmitologização³, Hans Jonas teria identificado uma experiência existencial concreta reconhecida, em um segundo movimento metódico, como originária da filosofia mística do Cristianismo Primitivo de natureza gnóstica. O princípio gnóstico teria sido assumido por Jonas “como um fundamento existencial capaz de explicar e oferecer um sentido a determinados eventos históricos. Não se trata de algum elemento simplesmente psicológico ou sociológico, mas precisamente existencial” (OLIVEIRA, 2020, p. 669).

Para Hans Jonas, quando do ensaio *Gnose, existencialismo e niilismo*, esta seria uma hipótese significativa para a compreensão do homem contemporâneo: o gnosticismo antigo se revelar como niilista, assim como o niilismo contemporâneo apresentar-se como produto gnóstico do existencialismo. Em ambos os casos, subjaz o dualismo na experiência humana de totalidade no que tange à relação do homem com a natureza, sendo, ele também, ser da natureza.

3. O dualismo gnóstico

Segundo Hans Jonas (2001, p. 239), há um “clima radicalmente dualista em que se baseia a atitude gnóstica como um todo”, fundamentalmente opositivo entre o mundo e o homem que, nos primeiros séculos da era cristã, encontrava expressão na teologia, na cosmogonia, na antropologia, escatologia e na moralidade gnósticas.

A teologia gnóstica considerava a existência de um Deus oculto, absolutamente transcendente, lugar da sabedoria divina em oposição à ausência de Conhecimento (*gnose*, o conhecimento verdadeiro) a caracterizar o mundo (*agnosia*). Este Deus absolutamente outro seria alheio à dimensão do criado, ao cosmos e ao destino humano. Quanto à cosmologia, o cosmos referia-se à dimensão mundana, da totalidade da natureza (*physis*), considerado como criação por divindades menores, cujas leis se executam e regem necessariamente o homem, sendo experienciadas na contingência da vida humana a um modo de dominação⁴. A antropologia humana decorria da compreensão substancialmente tripartite do homem em corpo (*soma*), alma (*psyché*) - ambas, parcelas próprias da dimensão mundana, e espírito (*pneuma*) - centelha de Deus no homem. O espírito, prisioneiro do corpo e da alma, era visto como a porção comum entre o homem e Deus, estranha ao mundo e transcendente ao próprio homem. O elemento salvífico (escatologia), por sua vez, residia exatamente na aquisição do conhecimento revelado da tríplice polaridade homem-mundo-Deus, em que “ser humano e Deus estão unidos frente ao mundo, mas apesar desta comunhão essencial eles estão separados exatamente pelo mundo” (JONAS, 2004; p. 239).

3 Sobre o processo metodológico de desmitologização, Vasconcelos (2018, p. 264-265) defende o interesse de Jonas, não nos fatos descritos objetivamente no mito, mas no “conteúdo existencial que influencia e conduz a experiência a uma objetificação no mito”, como um pano de fundo daquilo expressado na forma objetiva do mito.

4 A relação entre o homem e o mundo não era, portanto, de sabedoria em uma mediação possível, mas de dominação do cosmos sobre o homem na forma de destino. Este termo se origina, etimologicamente, de *heimarmene*, *Εἰμαρμένη*, traduzido por Jonas (2004, p. 240) como “destino cósmico escravizador”.

Hans Jonas (2004, p. 239) fala do sentimento de um fosso absoluto entre o homem e o mundo, tornando-o estrangeiro onde deveria ser sua morada. O mundo, em que pese ser um elemento comum entre Deus e homem, é dualisticamente contrário a ambos enquanto criação inferior em execução de leis próprias, indiferentes ao homem e sobre ele cogentes. Aqui, o transcendente, residente neste Deus trás-mundo e no *pneuma* humano, jogaria um papel duplo em torno do elemento mundo: como fundamento teórico para a experiência humana do dualismo entre o ser humano e o mundo, em repetição do dualismo entre mundo e Deus e, de outro lado, na experiência imanente dualista homem-mundo como base de experiência de uma doutrina transcendente do dualismo mundo-Deus (JONAS, 2004, p. 239). Esta delicada configuração apresentará consequências no plano da moralidade gnóstica.

3.1 O acosmismo e o anticosmismo como consequentes ao dualismo

O *cosmos* grego consistia em uma ordem, da qual a *physis* era sua expressão, inteligível ao homem em uma relação de homologia e norteador teleologicamente de suas ações. Diferentemente da *physis* grega clássica, o mundo gnóstico se apresentava como objeto de criação por seres divinos inferiores ao Deus absolutamente transcendente e oculto, do qual era manifestação de sua negação e, portanto, com um status de não-conhecimento, lugar das trevas em oposição à luz divina; em objetivação mitológica, "poder mau, que surge do desejo de dominação e de opressão" (JONAS, 2004, p. 240). Segundo Vasconcelos (2018, p. 269), "os gnósticos atacaram a posição clássica a partir de uma reavaliação do termo Cosmos. O gnosticismo conservou a ideia de ordem como característica fundamental do Universo. No entanto, inverteu o valor desse atributo, que passou de elogio à depreciação".

Um mundo ininteligível ao homem torna-se, no gnosticismo, mudo; um Deus oculto absolutamente outro e alheio ao homem deixa-o solitário. O quadro é, portanto, de uma experiência existencial de ausência de cosmos; acosmismo identificado por Jonas com um niilismo cósmico decorrente desta alteração da relação do homem com seu ambiente cósmico: o mundo não é e não pode ser morada para o homem. Para isso, Hans Jonas recuperará o homem solitário de Pascal para reconhecer o tom niilista da experiência gnóstica:

... mais do que o opressivo infinito dos espaços e tempos cósmicos, mais do que a desproporção quantitativa, mais do que a minúscula dimensão do ser humano em sua pequenez dentro desta imensidão, é o "silêncio", ou a indiferença do universo em relação ao ser humano, a ignorância das coisas humanas por parte daquilo onde todas as coisas humanas têm que desenrolar-se, que fundamenta a solidão do ser humano no todo da realidade⁵ (JONAS, 2004, p.235 – *grifo nosso*).

5 "No todo da realidade" constante da edição traduzida para o português do texto de Hans Jonas encontra no original a expressão "sum of things", isto é, soma de coisas. Parece-nos, "soma de coisas", uma expressão mais precisa e mais coerente com o prosseguimento do texto, em que Jonas usará a referência pascaliana ao homem como nada mais do que um caniço em meio às demais coisas do mundo.

A natureza, neste ambiente acósmico, torna-se uma totalidade que tudo penetra, em um sistema de lei necessário, compulsório sobre o homem: “Mas a lei cósmica, antes venerada como expressão da razão, com que a razão humana pode entrar em comunhão no ato do conhecimento, passa a ser vista agora unicamente sob o aspecto da compulsão, que torna vã a liberdade do ser humano” (JONAS, 2004, p. 240). Não obstante, enquanto criatura da natureza dotado de *psyché*, o pensar humano é simultaneamente sina e resistência: “Alienado da comunidade do ser em um todo, precisamente sua consciência faz dele um alienado no mundo, em todo ato de verdadeira reflexão dando testemunho precisamente desta alienação” (JONAS, 2004, p. 236).

O mundo a ser superado segundo a gnose escatológica e o domínio da natureza a ser correspondido pelo homem também de modo dominador expressam, ambos, um anticosmismo gnóstico. O “verdadeiro Conhecimento” (gnose), diferentemente do conhecimento do mundo pela *psyché*, supunha transcendência, ultrapassamento deste mundo, por meio do *pneuma*, e possuía natureza intuitiva, direta e, portanto, sem mediações do mundo ou do mundano, como o elemento da *psyché*.

O “verdadeiro conhecimento” (gnose), segundo Jonas, era uma mudança de estatuto relativamente à perspectiva grega clássica, centrada na atividade da razão sobre o objeto racional conhecido. O “verdadeiro conhecimento”, gnóstico, tinha como objeto o próprio Deus (“conhecimento de Deus”), em uma experiência de revelação salvífica por si, transformadora do indivíduo que, então, partícipe da natureza divina, torna-se conhecedor e, assim, especula.

Lá [Grécia clássica], a mente é “informada” com as formas que contempla e enquanto contempla (pensa): aqui [gnose], o sujeito é “transformado” (de “alma” em “espírito”) pela união com uma realidade que, na verdade, é ela mesma o sujeito supremo na situação e, estritamente falando, jamais um objeto⁶ (JONAS, 2001, p. 35 – *tradução nossa*).

O anticosmismo dá lugar a um niilismo ativo, que Hans Jonas identificará por meio da filosofia de Nietzsche:

O sentido não é mais encontrado e sim “dado”; o valor não é mais percebido na contemplação do ser objetivo, mas colocado como um ato de valor atribuído. Como função da vontade, minha única criação são os fins. A vontade substitui a contemplação; a temporalidade do ato expulsa a eternidade do “bem em si” (JONAS, 2004; p. 236).

Diante de um silenciamento universal, com a perda de qualquer *telos*, o homem abandonado a si mesmo cuidará de assegurar novas verdades por ato de vontade, destituídas de fundamento ontológico e de realidade objetiva, na perspectiva de Jonas.

⁶ There, the mind is “informed” with the forms it beholds and while it beholds (thinks) them: here, the subject is “transformed” (from “soul” to “spirit”) by the union with a reality that in truth is itself the supreme subject in the situation and strictly speaking never an object at all (JONAS, 2001, p. 35).

4. Implicações éticas do gnosticismo

Para Hans Jonas, o acosmismo gnóstico importará em uma mudança radical na compreensão do ser humano em relação ao todo social e político, relativamente à concepção grega clássica aristotélica de homem como animal político (*zoón politikon*).

Neste sentido, a gnose, “Conhecimento verdadeiro” de natureza pneumática, realça o dualismo homem-Deus em ultrapassamento ao mundo, e não como uma realização de si no mundo. Diferentemente do homem da *pólis* grega, que se realizava como cidadão por sua atividade na vida pública, o homem gnóstico teria como ideal a apreensão direta e intuitiva do conhecimento de Deus que, no entanto, não importava em qualquer conhecimento positivo do mundo. Neste sentido, Nery (2015) chama a atenção para o caráter distinto da transcendência gnóstica:

Diferentemente do mundo platônico inteligível, a transcendência gnóstica não estabelece vínculo positivo algum (ou qualquer vínculo, diga-se de passagem) com o mundo sensível. Ao contrário, aquela constitui tudo o que este não é: não se relacionam entre si, nem se constituem como essência ou causa do outro.

A virtude grega (*areté*) entendida como “atualização, no modo excelente, das várias faculdades da alma em lidar com o mundo” (JONAS, 2001, p. 267), excelência essa identificada na ação humana em sua atividade mesma (*práxis*), como uma realização de sua própria natureza na *pólis*, não era compatível com o acosmismo e o anticosmismo gnósticos. Ao contrário, a existência de um *cosmos* inteligível norteava o homem grego ao invés de ser-lhe oposta. Tampouco a resignação estoica, ancorada na providência cósmica e norteadora da ação humana pela adesão à ordem do todo correspondia à existência gnóstica.

Para Hans Jonas (2004, p. 244), “a aspiração do gnóstico individual não era representar o papel atribuído a ele pelo todo, mas sim ser ele mesmo, existir ‘com autenticidade’”. Neste sentido, o acosmismo e o anticosmismo gnósticos decorrentes do dualismo resultariam, para Jonas, em uma oposição do homem à lei (*nomos*), um antinomismo.

A relação com o mundo seria caracterizada por desprezo e revolta, a exigir do homem, para sua plenitude, contraposição e ultrapassamento a ele como um todo, no que se constitui como niilismo gnóstico (VASCONCELOS, 2018, p. 272).

O gnosticismo é desta maneira, um movimento que se opõe a qualquer laço com o mundo a partir de uma hostilidade, depreciação e rejeição do mundo físico, ou seja, sua característica fundamental é o radical dualismo que desemboca em um processo de desmundanização de caráter niilista. (VASCONCELOS, 2018, p. 273).

No gnosticismo antigo, Hans Jones (2001) identificou duas expressões da moralidade gnóstica: um ativismo na forma de excesso de palavras e ações de modo a superar o mundo pela realização de todas as possibilidades, redundan-

do em uma libertinagem relativista e subjetivista; e, em sentido oposto, um recolhimento ascético na interioridade de si em afastamento do mundo, uma autoabnegação originária de “novas virtudes”, de caráter religioso (humildade, fé, caridade etc.). “Em todo caso trata-se de vida fora da norma objetiva. Liberdade por abuso e liberdade pelo não-uso da natureza, são, assim, apenas formas de expressão alternativas do mesmo acosmismo.” (JONAS, 2004, p. 246). Neste contexto, segundo Vasconcelos (2018, p. 272), o destacamento do mundo caracterizava o niilismo gnóstico, mediante completa ausência de obrigação ou responsabilidade para com o mundo.

Esta “nova virtude”, gnóstica, portanto, não se daria como atividade humana no mundo, mas como qualidade de auto-abnegação do próprio indivíduo para realização de um destino cósmico de todo desconhecido. Para Hans Jonas (2001, p. 277), a virtude como *areté* acabaria absorvida por esta “nova virtude”. As leis morais, no contexto gnóstico, submetem o homem, ser da natureza por seu corpo e alma (*psyché*), de igual modo como as leis físicas, como fundamento último teórico, definitivo, dominador e com origem obscura, em uma necessária contingência e desprovida de qualquer caráter valorativo ou *telos* transcendente orientativo, e não dominador, da ação humana no mundo, causadora do niilismo criticado pelo autor. Assim, a paradoxal e problemática circularidade se completaria, nas formas reativas pneumáticas da existência autêntica desmundanizada.

Aqui, Jonas estabelece uma distinção entre o princípio gnóstico antigo e o moderno decorrente do dualismo: no antigo, se mantinha Deus como fundamento, ainda que indiferente ao homem e ao mundo e totalmente outro, como garantidor da sabedoria divina na forma de participação e a justificar o caráter salvífico da Gnose, a despeito da opressão do mundo e da relação recíproca de domínio entre o homem e a natureza. Justamente o conhecimento da condição de exílio e solidão do homem no mundo possibilitava sua liberação, via *pneuma*, das cadeias mundanas. O princípio gnóstico moderno, contudo, regido pela racionalidade científica e secularizada, dá lugar, segundo Jonas, apenas a relação autofundada de domínio do homem sobre a natureza, a ele indiferente e ela mesma teleologicamente indiferente.

Segundo Nery (2015),

a similaridade ontológica reside no fato de que em ambas [relação de poder entre homem e a natureza no mundo gnóstico antigo e no mundo moderno] a “luta” de poderes entre o homem e o mundo está situada na base da relação do homem com a totalidade da natureza.

O dualismo entre homem e natureza se radicaliza na contemporaneidade advindo o niilismo na esteira de uma natureza não orientadora das ações humanas, sendo o poder tecnológico, muito além de uma relação de domínio mediante uma existência apenas possivelmente autêntica, libertina ou autoabnegada, uma marca fundamental.

Conclusão

É possível observar que o longo período de investigação de Hans Jonas dos fenômenos gnósticos históricos parece ser um pressuposto, na forma do problema do dualismo, da filosofia futura do autor, por seu caráter ontológico e, sucessivamente, ético.

A partir de uma abordagem analítico existencial do passado, ao modo de chave de leitura, Hans Jonas entendeu compreender um espírito gnóstico niilista, caracterizado pela perda de uma totalidade orientadora, por sua inteligibilidade, da ação humana e por uma perspectiva contra-mundana do ser humano. Reativamente, uma existência autêntica, para o autor nas formas de libertinagem relativista ou vida ascética, no passado, foi vista como caminho para acesso à gnose, conhecimento verdadeiro, de modo intuitivo, em ruptura ao modelo de racionalidade clássica caracterizado por uma inteligibilidade racional do cosmos. Como resultado, se teria uma presença humana no mundo dominadora contra o domínio do homem pela natureza cósmica, com fundamento teológico na transcendência pneumática direta do homem na natureza divina.

Na contemporaneidade, marcada pela racionalidade técnico-científica secular, o mesmo espírito gnóstico niilista caracterizaria, para o autor, a relação de domínio entre o homem e a natureza sucessiva a uma existência autêntica de um homem abandonado à necessária contingência do mundo.

Em ambos os casos, Hans Jonas aponta para uma experiência humana concreta do indivíduo, de caráter salvífico, correspondente à superação do mundo em uma transcendência direta, intuitiva e desmundanizadora. Tal, se originaria do dualismo entre homem e mundo e sua relação com a natureza, considerado por Hans Jonas como causa de niilismo metafísico e ético característico dos movimentos gnósticos dos primeiros anos da era cristã, como também na contemporaneidade. Lá, via gnose pneumática, aqui, na forma de exercício de poder técnico-científico.

Referências

JONAS, Hans. The meaning of Gnosis and the Extent of the Gnostic Movement. *In: Jonas, Hans. The Gnostic Religion. The message of the alien god & the beginnings of christianity.* 3 ed, Boston, EUA: Beacon Press, 2001. p. 31-47.

JONAS, Hans. Virtue and the Soul in Greek and Gnostic Teaching. *In: Jonas, Hans. The Gnostic Religion. The message of the alien god & the beginnings of christianity.* 3 ed, Boston, EUA: Beacon Press, 2001. p. 266-289.

JONAS, Hans. Epilogue: Gnosticism, Nihilism and Existentialism. *In: Jonas, Hans. The Gnostic Religion. The message of the alien god & the beginnings of christianity.* 3 ed, Boston, EUA: Beacon Press, 2001. p. 320-340.

JONAS, Hans. Gnose, existencialismo e niilismo. *In: JONAS: Hans. O princípio vida. Fundamentos para uma biologia filosófica. Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 233-252.*

NERY, Renzo. Gnosticismo e niilismo em Han Jonas: o *pneumáticos* gnóstico enquanto primórdio do "indivíduo autêntico". *Intuitio*. Porto Alegre, v.8, n.1, p. 123-142. Junho 2015. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/intuitio/article/view/18430> . Acesso em 11 set 2024

OLIVEIRA, Jelson. *Compreender Hans Jonas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Jelson. Jonas, Heidegger e o gnosticismo: entre a apropriação do método e a crítica do conteúdo. *Revista de filosofia Aurora*, v. 32, n. 57, p. 665-679, set/dez, 2020. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/26344> . Acesso em 11 set 2024.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de Oliveira. Modernidade e niilismo. *In: OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de Oliveira. Metafísica e ética. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo. SP: Edições Loyola, 2013. p. 31-64.*

VASCONCELOS, Thiago. Hans Jonas e o niilismo gnóstico: "a mais radical rebelião contra a *physis*". *Kínesis*, v. X, n 25, p. 263-276, dez 2018. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8606>. Acesso em 11 set 2024.

VATTIMO, Giani. *Adeus à verdade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

VAZ, Henrique C. de Lima. Ética e razão moderna. *Síntese - Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v.22, n. 68, p. 53-84, 1995.

VOLPI, Franco. Niilismo. *In: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 829-833.